

“... PORQUE QUANDO SAI DE CASA FICA INVISÍVEL E EU NÃO SEI ONDE ELE ESTÁ!”. IMERGINDO NOS MEANDROS DAS CULTURAS DA INFÂNCIA... PARA A DESOCULTAÇÃO DOS AMIGOS IMAGINÁRIOS DAS CRIANÇAS...

Margarida Rosa Ramos Ferreira

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu
margaridaferreira@sev.ipv.pt

Resumo

O presente artigo responde aos objectivos de uma investigação que, ancorada na Sociologia da Infância, quis averiguar e perceber como é que as crianças manifestam os amigos imaginários nas suas vidas, através da recolha de narrativas das crianças, em contexto de Jardim de Infância.

Ao tomarmos as crianças como actores sociais competentes no processo de socialização estamos a reconhecer-lhes um papel activo na construção e determinação das suas vidas e nas vidas dos que as rodeiam (adultos e crianças); valorizando-se a sua capacidade de produção simbólica e a constituição das suas práticas em sistemas organizados, ou seja, em culturas.

É nos meandros das culturas da infância que situamos os Amigos Imaginários, as “*criações invisíveis*”, ou objectos personificados, a “*quem*” as crianças dotam de vida e com os quais interagem; e cuja fundamentação da sua génese necessitou de um cruzamento multidisciplinar, com a Psicologia, Medicina e Neurobiologia.

“Criações invisíveis” que, assumindo o papel de amigos ou irmãos das crianças, se tornam seus companheiros nas aventuras quotidianas... os seus aliados nos momentos “difíceis”... a expressão (e o alcance) da vontade e do desejo... a possibilidade de eliminar os constrangimentos que a realidade apresenta e de viver as oportunidades da fantasia... explorando (e aprendendo com) todas as (suas) contradições e possibilidades... (re)construindo e (re)construindo-se...

Palavras-Chave: Crianças; Amigos imaginários; Culturas da infância; Reprodução interpretativa.



Abstract

The present article responds to the objectives of an investigation which was anchored in the sociology of childhood and intended to discover, through children's narratives gathered in Kindergarten context, how they demonstrate their imaginary friends in their lives.

When we regard children as competent social actors in the socialization process we are taking into consideration their active role in the construction and determination of their lives and of those around them (children or adults), valuing their ability of symbolic production and the constitution of their practices in organized systems or cultures.

It is in the middle of childhood cultures that we situate Imaginary Friends, the "invisible creations" or personified objects to "whom" children endow with life and with whom they interact; the fundament of their genesis required a multidisciplinary crossing with Psychology, Medicine and Neurobiology.

"Invisible Creations" that, assuming children's friends or siblings role, become their companions in everyday adventures...their allies in "difficult" times...the expression (and accomplishment) of will and desire...the possibility of ending the troubles that reality presents and of living their fantasy opportunities...exploring (and learning with) all (their) contradictions and possibilities... (re)constructing and (re)constructing themselves.

Keywords: Children; Imaginary friends; Childhood cultures; Interpretative reproduction.

"O Lucas é Invisível (...) mas só que o Finn também é Invisível." – Entrelaçando Olhares e Teorias...

Averiguar e perceber como é que as crianças manifestam os amigos imaginários nas suas vidas, adoptando o olhar da Sociologia da Infância... um desafio para conhecer o(s) mundo(s) simbólico(s) de (re)criação e recreação das crianças... o(s) seu(s) mundo(s) particular(es)... uma procura que nos levou a lançar a âncora a conceitos teóricos que, em simultâneo, nos serviram de porto e de bússola, para o



caminho empírico.

Antes de mais importa sublinhar o princípio e crença subjacente a todo este estudo: o princípio da “*competência infantil*”; um princípio para o reconhecimento da alteridade das crianças, e que seguindo a ideia de Manuel Sarmento, que refere que a “porta de entrada para o estudo da alteridade da infância é a acção das crianças e as «culturas da infância»” (Sarmento, 2004: 12), nos levou a procurar “*escutar*” e “*estar com*” as crianças, adoptando, no caminho empírico, metodologias de cariz etnográfico, para imergir nos contextos e nos mundos das crianças, recolhendo a sua própria voz e buscando os seus pontos de vista... os seus amigos, e os enredos das suas amizades...

Devemos também reforçar que, e em consonância com a expressão da alteridade da infância, considerámos a criança como um actor social da sua própria socialização. Uma socialização que se funda na sua interacção com o meio e com os outros, crianças e adultos, em contextos sociais com características específicas, num processo através do qual as crianças aprendem, elaboram e assumem normas e valores da sociedade em que vivem (cf. Sarmento 2000b e 2003b); um processo realizado por um sujeito concreto e singular, com vontades, saberes, capacidades, emoções, desejos e afectos que o identificam como um “produtor cultural único” (Sarmento, 2007: 2); por isso, adoptámos métodos de recolha de dados foram ajustados a cada uma delas.

Uma socialização que, e tomando por referência a noção de “*reprodução interpretativa*” de Corsaro, deve “considerar não só as adaptações e internalizações dos processos de socialização, mas também os processos de apropriação, reinvenção e reprodução realizados pelas crianças” (Delgado e Müller, 2005: 351), das culturas em que estão inseridas. Neste sentido, é importante relevar não só o papel e influência, pela interacção, das outras crianças (os pares) e dos adultos na negociação, partilha e (re)criação destas culturas, como também a apropriação selectiva, reflexiva e crítica que as crianças fazem do mundo dos adultos, procurando-se com “o termo interpretativo captar os aspectos inovadores, transformadores e criativos dos pontos de vista e das participações das crianças nas interacções sociais” (Ferreira, 2004a: 113).

Desta forma, e se as crianças são actores sociais competentes, com poder de acção e iniciativa, com capacidades de produção simbólica e de construção de significação do mundo diferentes das dos adultos, a imaginação e o faz-de-conta



constituem-se como um meio privilegiado de (re)conhecimento e expressão dos seus mundos sociais, e uma forma de manifestação das suas culturas... por isso, é nos meandros das culturas da infância que encontramos e situamos os Amigos Imaginários, as “*criações invisíveis*”, ou objectos personificados, a “*quem*” as crianças dotam de vida e com os quais interagem.

Querendo perceber porque é que as crianças fazem esta sua criação, e em que medida é apoiada e apoia a sua apropriação e (re)construção do mundo, sustentadas nos quatro pilares das culturas de infância (ludicidade, interactividade, fantasia do real e reiteração), e tendo por base a visão de criança como um actor social competente, recorremos e “*dialogámos*” com a Psicologia, Medicina e Neurobiologia para argumentar e fundamentar a génese e utilização desta forma de expressão cultural.

Assim, se ao longo da vida as crianças vão coleccionando informações, sensações e aprendizagens do mundo que as rodeia, nos seus diversos contextos de socialização, através de trocas e influências recíprocas com o meio e com os outros; uma bagagem cultural ou “*habitus*” (cf. Bourdieu, 2001, 2002) que lhes permite interpretar, gerar novas interações e (re)conceptualizar o mundo¹; é também na interacção, real e/ou imaginária, que a criança toma consciência de si², do outro, lida com os seus sentimentos e com o que os causa, argumenta consigo e com o(s) outro(s), estabelece regras, desenvolve a linguagem e a comunicação (cf. Ferreira, 2004b)... estabelece trocas culturais e emocionais... vivencia experiências... efectua aprendizagens...

Uma (re)conceptualização de “*Si*”³ (cf. Damásio, 2004), da natureza, dos pensamentos, dos sentimentos e dos outros que é feita em interacção e que exprime a competência e capacidade das crianças para lidar com o que as rodeia (cf. Sarmiento 2007), quer seja no plano material ou no plano simbólico. Porque nesta permanente (re)construção “o “*mundo de faz-de-conta*” integra a construção pela criança da sua visão do mundo e a atribuição do significado às coisas” (Sarmiento, 2007: 16); uma

¹ E que, para Damásio, envolvem e afectam também a geração e expressão das emoções: “há uma considerável variação no tipo de estímulos que pode induzir uma emoção, tanto num individuo como numa cultura, e chamo a atenção para o facto de, independentemente do grau de predeterminação biológica do mecanismo emocional, o desenvolvimento individual e a cultura terem a ver com o produto final” (2004: 78).

² Damásio refere que ainda que a “fecunda imaginação da nossa mente” nos permita “preparar «múltiplos rascunhos» para o argumento da vida do nosso organismo (...) as sombras do si nuclear (...) e do si biológico (...) favorecem constantemente a selecção de «rascunhos» compatíveis com um si singular e unificado.” (Damásio, 2004: 260)

³ Nas palavras de Damásio (2004): “Tal como os ciclos de morte e de vida reconstróem o organismo e os seus elementos segundo um plano, o cérebro reconstrói o sentido de si a cada instante.” (2004: 174) “O si autobiográfico (...) é o produto final, não só das nossas tendências inatas e das nossas experiências de vida, mas também de uma revisão das memórias dessas experiências que está constantemente em curso sob a influência desses factos.” (2004: 259)



visão que é apoiada, pelas “*imagens*”⁴ que guardam na memória, das suas vivências e experiências anteriores, em diferentes contextos de socialização, sendo “a capacidade de transformar e combinar imagens de acções e cenários a fonte de toda a criatividade”⁵ (Damásio, 2004: 44).

Desta forma, a fantasia do real, longe de ser um “*erro de adaptação*”, permite à criança compreender, interpretar e agir no meio social, sendo um recurso que permite experimentar e ajustar experiências e emoções através da mutação/confronto do/com o real; um recurso no caminho da criança como “actor e construtor social de si própria” (Sarmiento, 2001: 9), com o pleno uso de capacidades de transfigurar a linearidade do espaço do tempo e de “*si*”.

Também Harris (1996, 2002) refere que a imaginação contribui para a emergência da objectividade nas crianças, uma vez que permite colocar lado a lado realidades possíveis, elaborar julgamentos morais e aprender com a experiência “*de um outro*”, ainda que imaginário, conseguindo a criança distinguir claramente o mundo real e o mundo da imaginação.

Consideramos os amigos imaginários como uma construção da cultura lúdica das crianças. Uma construção que manifesta a reprodução e interpretação das interacções que as crianças vivenciam quotidianamente, e que, no mundo de “*faz-de-conta*” se tornam a expressão clara e íntima dos seus mundos, transportando consigo conhecimentos, preocupações, anseios, desejos, crenças, vivências...

Uma construção que admite que as crianças criem, experienciem e conduzam diferentes papéis em simultâneo, adoptando diferentes pontos de vista, e experimentando diferentes emoções (cf. Harris, 1996, 2002)... controlando e conduzindo o seu universo simbólico particular.

Uma construção que se reveste de novas oportunidades, através da reiteração, pela alteração ou eliminação dos constrangimentos e das potencialidades da realidade (inclusivamente o tempo), e que lhes permite, de acordo com os seus próprios desejos, interesses e necessidades (re)criar, dar vida e atribuir personalidade (cf. Harris, 1996, 2002; Sarmiento, 2003)...

⁴ Damásio esclarece que “As imagens permitem-nos escolher entre reportórios de acções anteriores disponíveis e otimizar a execução da acção escolhida.” (2004: 44)

⁵ Para Damásio a criatividade, “exige uma abundante memória de factos e de aptidões, abundante memória de trabalho, elevada capacidade de raciocínio, linguagem. Porém, a consciência está sempre presente no processo criador, não só porque a sua luz é indispensável, mas também porque, de uma forma ou de outra, com maior ou menor intensidade, a natureza das suas revelações guia o processo de criação. (Damásio, 2004: 258-259)



Por tudo isto, procurar conhecer os “enredos da (re)construção dos amigos imaginários” apresentou-se como um desafio para encontrar e desocultar os mundos das crianças, para imergir nos seus universos de vida, de (re)criação e recreação, continua e criativamente (re)investidos de possibilidades; mundos simbólicos individuais inscritos em emaranhados de experiências, saberes, necessidades, desejos e emoções.

Foi também procurar conhecer o sentido e necessidade da amizade para as crianças, uma amizade que se experimenta e (re)inventa para preencher de fantasia o dia a dia... em (re)criações feitas por sujeitos concretos e singulares, com vontades, saberes, capacidades e emoções de o um produtor cultural único (cf. Sarmento 2007)... que tornam as suas manifestações individuais e peculiares.

“Ela Não Sabe o Caminho, Tem que Ir por Aqui e por Aqui, e por Aqui, e Depois Vira... Ela Não Sabe o Caminho. Tenho que Fazer a Seta (...)”... No Trilho Empírico...

Reafirmando-se que o estudo das culturas da infância só faz sentido se analisarmos as condições sociais em que as crianças vivem e dão sentido ao mundo, importa que a “recolha das suas vozes” não seja interpretada desvinculada dos contextos que as envolvem; contextos com os quais as crianças interagem experimentando o mundo, retirando aprendizagens a partir das quais constroem os seus universos simbólicos, e que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social...

Por isso, para conhecer os mundos sociais das crianças, para procurar imergir nas culturas da infância, torna-se importante um “olhar e escuta” atenta, através da utilização de metodologias de cariz etnográfico, que permitam perceber as diferentes formas de expressão e da “mobilização” dos amigos imaginários, e os factores potenciadores e/ou inibidores dessas mobilizações/manifestações...

Neste sentido, para “entrar” nos mundos simbólicos particulares das crianças recolhemos, através da observação directa, narrativas das crianças em contexto de Jardim de Infância, um “espaço” no qual as crianças jogam a sua socialização e para o qual transportam as suas vivências, anseios e esperanças quotidianas, e cuja presença do investigador se torna mais fácil de naturalizar.

Uma procura que necessita de tempo para conhecer cada criança, para



aprender a ver para além das primeiras impressões, para enxergar as suas linguagens, que podem não passar unicamente pelas palavras, mas também pela expressão gráfica e corporal, pela manipulação ou refúgio em objectos da quotineidade... para se reflectir sobre as estratégias a adoptar em cada momento, de forma a adequar a sustentação teórico-metodológica aos contextos e sujeitos de investigação.

Um tempo que, no presente estudo, se abreviou e tornou alvo de cogitações pela existência de vários sujeitos de investigação, dispersos por dois contextos... dois Jardins de Infância... e que, em virtude disso, necessitou de colaboração na recolha das narrativas das crianças.

Narrativas⁶ que as crianças só verbalizam quando e se querem e a que dão o rumo que desejam... e que, passadas para o papel, não transportam o brilho do olhar das crianças, a sua expressão corporal e os seus gestos, as entoações e modelações da sua voz... intraduzíveis por palavras ou por qualquer pontuação...

Não menos delicado é o processo de interpretação de dados que exige, do investigador, múltiplos esforços de afastamento e aproximação, assentes em vários factores:

Em primeiro lugar, é necessário aconchegar e silenciar a sua própria infância, para que não se reveja em cada história, nem projecte as suas vivências, ou o rumo que gostaria de lhes ter dado, nas histórias de cada criança;

Depois, é imprescindível que se aproxime simbolicamente de cada um dos sujeitos de investigação, munindo-se das suas linguagens, para perceber e interpretar as suas vidas e as suas histórias, afastando-se dos restantes;

A todo o instante, é forçoso um distanciamento do encantamento a que a contemplação dos mundos das crianças conduz e a aproximação à racionalidade (e objectivos) da investigação;

Torna-se também necessário que se despoje de todos os preconceitos e influências (adultocêntricas) exteriores... ou que as tome apenas em consideração, depois da “escuta” das crianças, como forma de triangulação de dados.

⁶ Estas narrativas foram posteriormente alvo de análise de conteúdo, para dar sentido, conhecer, analisar e interpretar os dados recolhidos; num processo que se revelou indutivo, pelo constante equacionar de novas formas de análise, relação e interpretação.



“(...) Só se Eu Vir Lá de Cima (...) Tenho que Ir... Pôr Asas...” – Autores e Enredos...

Tomando as crianças como actores sociais individuais, considerando as suas histórias como manifestações culturais ímpares, e dando resposta ao problema da nossa investigação – *averiguar e perceber como é que as crianças manifestam os amigos imaginários nas suas vidas*, apresentamos autores e (uma síntese dos seus) enredos... os mundos para os quais fomos mágica, discursiva, pictórica e poeticamente transportados.

O **Rodrigo** é um menino com quatro anos de idade. Filho mais velho de um casal de professores, é uma criança protegida e emocionalmente bem apoiada que evidencia uma relação especialmente próxima com a mãe, a sua companhia na hora de dormir.

Quando ingressou no Jardim de Infância, exteriorizou diversas inseguranças, que manifestava sob a forma de medos: o medo de novos espaços; de não ter ninguém por perto; de “personagens tridimensionais” desconhecidas, quer fossem fantoches ou “adultos” disfarçados...

Embora seja tímido, é uma criança bem aceite no grupo e que adequa a sua postura, durante o brincar, aos pares com quem interage. Sendo uma criança muito cumpridora das regras negociadas e estabelecidas, quando surgem conflitos, em interacção, solicita a intervenção dos adultos para a sua resolução.

Foi com um discurso fluente que nos apresentou os seus medos do dia e os pesadelos da noite... falando de uma forma mais desinibida na presença das personagens que lhe causam medo durante o dia, ou no rescaldo de noites envoltas em contendas...

Durante a noite dorme na companhia da mãe, com medo da chegada do sono... mas quando ele chega e se povoa de pesadelos, e de “maus” que o assustam, chama super-heróis para o defenderem ou para lhe emprestarem os seus artefactos e/ou super-poderes.

Se essas personagens são “mascaradas” ele convoca os disfarces e artefactos das “Tartarugas Ninja” para os combater⁷; mas se os “maus” apresentam

⁷ “X – Como é que elas te salvaram?”

Rodrigo – Foi com umas espadas e com um pau.

X – Com umas espadas e com um pau... E tu, onde estavas para elas te salvarem?

Rodrigo – Estava na cama.



“super-poderes mágicos”, as cartas dos “Digimons”, monstros do mundo digital, apresentam-se como a solução⁸... os super-heróis são convocados de acordo com as características e os poderes que lhes são virtualmente conhecidos, e que combatem eficaz e adequadamente as armas dos “maus”, dos inimigos.

Durante o dia exibiu duas reacções de medo distintas. Numa primeira fase, na presença de personagens mascaradas e fantoches, termia e fugia para um espaço diferente daquele em que a personagem se movia; depois, deixou de fugir e, fechava os olhos até deixar de ouvir os “calcanhares” da personagem a distanciar-se⁹.

Destriçando a realidade da fantasia, o Rodrigo combate fisicamente, com um fechar de olhos¹⁰, os medos do mundo real e utilizando as armas e super-poderes do mundo virtual os medos das “imagens mentais”, dos sonhos... sonhos que combate também no dia a dia do Jardim de Infância, quando brinca, de uma forma livre, no “cantinho das construções”, com o seu grupo de pares mais restrito, vencendo a inibição, construindo armas e angariando aliados para os seus cenários de destruição, para as suas lutas...

O **Tomás** é um menino de quatro anos, filho mais velho de um casal de empresários. Vive com os pais e irmão numa quinta e passa grande parte do “seu” tempo na quinta dos avós. Evidencia um gosto especial por brincar ao ar livre, com a terra, com a água e com os cães, e por conversar longamente com adultos, em especial com o pai.

É uma criança que exhibe todas as novidades da indústria cultural para a infância e, para além do quarto de dormir, tem outro repleto de todas as novidades do

X – *Estavas na cama, e depois o que é que elas te fizeram?*
Rodrigo – *Elas salvaram-me...* (Novembro de 2005)

⁸ *Mg – Ah... e se aparecerem Tartarugas Ninja no teu sonho... também tens medo?*

Rodrigo – Claro que não!

Mg – Então de que tens medo nos teus sonhos?

Rodrigo – Dos mascarados... e eu já tive um sonho... sabes de quê?

Mg – De quê?

Rodrigo – De bruxas.

Mg – De bruxas! E tens medo de bruxas?

Rodrigo – Claro que não! Eu transformo-me numa coisa ainda pior e depois mato-as...

Mg – Como te transformas?

Rodrigo – Com uma carta que tenho lá em casa.

Mg – Uma carta!

Rodrigo – É mágica, e transforma-me em invisível... em Digimon...” (21 de Abril de 2006)

⁹ *Mg – E como é que sabes quando é que eles desaparecem?*

Rodrigo – Como é que é? É quando ouvir a porta a fecharem ou ouvir o calcanhar deles.

Mg – O quê?

Rodrigo – O calcanhar.” (21 de Abril de 2006)

¹⁰ *Rodrigo – Ah... mas eu tive uma ideia... quando aparece lá o Pai Natal eu fecho os olhos.*

Mg – Pois, eu ouvi dizer que tu às vezes fechas os olhos...

Rodrigo – Pois... e fico às escuras.” (21 de Abril de 2006)



mercado... demonstrando especial interesse pelo mundo das histórias em livro e em DVD, pelos jogos de construção e pelos jogos para o computador e para a *Play Station*, nos quais frequentemente se refugia e isola.

No Jardim de Infância é uma criança especialmente acarinhada pelos seus colegas; no entanto, procura e estabelece interacção com um grupo muito restrito de crianças, dois meninos da sua idade, remetendo à invisibilidade os restantes colegas, em especial as meninas.

Em interacção, evidencia dificuldades em “perceber/aceder” à perspectiva das outras crianças e, em virtude disso, envolve-se frequentemente em conflitos; o que acontece também quando quebra deliberadamente as regras negociadas e estabelecidas, arranjando justificações e pretextos ou voltando as costas, em sinal de quebra de negociações. Talvez por isso demonstre especial interesse por realizar actividades individuais ou em pequenos e restritos grupos; as mesmas que realiza no seu quarto de brincar, solicitando frequentemente à educadora permissão para se ausentar das actividades que o grande grupo realiza e se refugiar, em espaços mais isolados do Jardim de Infância, nos seus mundos virtuais... com os brinquedos que domina, acompanhado pelos amigos que tão bem conhece¹¹...

O Noddy aparece como o seu amigo de eleição, o companheiro de viagens e aventuras... que vive primeiro diante do ecrã e transpõe depois, em jeito de fotografia, para os seus desenhos ou momentos de “solidão” quando o vemos falar e gesticular “aparentemente” sozinho. O *Noddy* com uma personalidade tão dócil, pacífica, amiga... que jamais irá desgostar ou contrariar o Tomás, que está sempre pronto a satisfazer-lhe as vontades e lhe permite viver as suas aventuras e brincar com ele, na “Cidade dos Brinquedos”. A cidade que o ecrã mostra e para a qual o Tomás se envia juntamente com os seus brinquedos, porque se o quarto lhe preenche as necessidades materiais, o mundo virtual da “Cidade dos Brinquedos” alicia os seus desejos... apresentando-se como o seu contexto de recreação; o contexto para o qual se envia quando se sente especialmente triste ou é contrariado.

E quando partilha os (seus) desenhos que representam (e testemunham) as viagens que “fizeram em conjunto”¹², fá-lo como se fossem fotografias, envoltas nos fragmentos das histórias que os episódios do *Noddy* contam, e nos quais o Tomás participa... viagens que partilha em discursos que inicia e termina quando quer,

¹¹ “O meu amigo é o Noddy.” (Novembro de 2005)

¹² “Ele leva-me de carro, e um dia vou com ele de avião...” (Novembro de 2005)



manipulando a nossa acção e atenção, de acordo com a sua vontade¹³.

Também o “Chicken Little”, pelo mediatismo, se tornou seu par de interacção, embora passageiro... talvez durante o tempo em que remeteu ao “descanso” o amigo *Noddy*, que observou, não diante do ecrã, mas diante do palco, num espectáculo no Pavilhão Atlântico em Lisboa... um momento no qual o *Noddy*, que interagira com o Tomás na “Cidade dos Brinquedos”, surge, inesperadamente, no mundo da realidade...

O *Noddy* que continuamente lhe oferece novas aventuras... para as quais ele está sempre disposto a viajar¹⁴...

O **Davide** é um menino com quatro anos de idade que tem uma família muito alargada... porque representa, como “a família”, para além do pai e mãe biológicos e o irmão (mais novo), a mãe Neninha (a ama), as irmãs/primas Sara e Joana (filhas da ama) e o Lucas, que assume ser um amigo que só ele pode ver, porque é imaginário.

Gosta de brincar com “amigos” mais velhos, em especial a Joana, filha da Neninha, e o Henrique, um vizinho com quem joga *Play Station*.

Em casa, para além de jogar *Play Station* e computador, gosta também de conversar... sobretudo com adultos. A mãe estimula-lhe este gosto e para além de conversas do quotidiano faz com ele jogos de linguagem que envolvem o raciocínio lógico.

No Jardim de Infância o Davide empreende esforços por obter a atenção e conversa dos adultos, só para si; até porque, como refere a educadora, tem uma fluidez de discurso e um nível de conhecimento geral muito acima dos seus colegas, ficando frequentemente insatisfeito com a interlocução de pares.

Muito afectuoso, pacato e cordato, é uma criança que não se envolve em

¹³ “Mg – E o *Noddy* deixou de ser teu amigo?”

Tomás – Não.

Mg – Mas ele não vinha brincar contigo de vez em quando?

Tomás – Não, agora não.

Mg – Porquê?

Tomás – Está de férias.” (26 de Junho de 2006)

¹⁴ “Tomás – Sabe, ele vai de carro e de avião... para minha casa... ele dá-me boleia de avião.

Mg – Ele dá-te boleia de avião?

Tomás – E também de carro.

Mg – Tu andas no carro dele?

Tomás – Quando há água no rio sabes o que é que acontece?

Mg – O que é?

Tomás – Tem uma ilha da aventura, e sabes o que é que acontece? Também tem um barco e uma bicicleta.

Mg – E tu também andas no barco e na bicicleta, ou só andas de carro?

(Mexe novamente na plasticina...)(28 de Junho de 2006)

Tomás – Agora esta árvore vai ser assim.” (28 de Junho de 2006)



querelas nem em disputas, e também não se empreende em granjear aceitação por parte dos pares.

Gosta especialmente de histórias, levando para o Jardim de Infância, para partilhar com os colegas, livros e filmes diversificados; exibindo alguns filmes com enredos complexos e violentos, dos quais apenas ele gosta. Durante a audição e/ou visionamento de histórias, em livro ou em vídeo, fica alheado de tudo o que se passa em sua volta... tal como quando brinca nos diferentes cantinhos sala de actividades, ou quando realiza algum trabalho...

Assumindo que tem amigos imaginários¹⁵, que só ele pode ver, conversa fluente e despidoradamente sobre as peripécias que envolvem essas amizades. Revela, então, em conversas e/ou durante o brincar, que tem vários amigos imaginários... amigos que chama à acção e ao discurso com finalidades distintas.

O Lucas¹⁶, que pertence à sua família alargada, é o seu companheiro de tropelias; um menino travesso que gosta de brincar aos “murros” e à “violência” com o Davide, que perde quando joga *Play Station*, porque não joga muitas vezes, que é teimoso, tem más notas a matemática... e prega partidas aos seus amigos Joana e Henrique.

O Finn que, se de início, nos é apresentado com poderes que permitem quebrar as regras do aqui e agora, porque não morre se engolir pastilhas elásticas¹⁷, surge mais tarde, como se estivesse a ser (re)construído, dotado de poderes, que parecem decalcados do “Homem-Aranha”... e que investem o Davide de poderes de manipulação, sedução e liderança para envolver colegas e adultos em lutas contra as bombas destrutivas do “Finn mau”¹⁸; que fala com “a voz do Davide”(como ele mesmo

¹⁵ “Educadora – Então, quem são aqueles amiguinhos com quem tu brincas lá em casa?”

Davide – São o Sindronne, o Finn e o Lucas, e são invisíveis.

Educadora – São invisíveis?

Davide – Sim, e às vezes não sei onde é que ele está... e ontem esbarrei-me com ele... porque quando sai de casa fica invisível, e eu não sei onde ele está.” (13 Janeiro de 2006)

¹⁶ “Davide – O Lucas é invisível.

Mg – O Lucas é invisível?

Davide – E ele no outro dia deu-me um murro e ele estava invisível.

Mg – E depois?

Davide – E depois eu caí ao chão na minha casa, e eu atirei-o para ali...

Mg – E como é que conseguiste atirá-lo para o chão?

Davide – Porque ele estava atrás de mim... porque, porque ele estava mesmo atrás de mim.

Mg – E ele também joga contigo *Play Station*?

Davide – Joga, mas só que perde sempre.” (17 Março de 2006)

¹⁷ “Davide – É pastilhas, e o Finn também come, mas só que ele engole... mas só que ele fica vivo na mesma (...) porque ele, porque ele, porque ele tem protecções, por isso é que não morre.” (17 Março de 2006)

¹⁸ “Davide – Buuummm

(O Rafael também entra na brincadeira das bombas...)



refere¹⁹) para apelar e chamar à atenção, e que parece ser inimigo, e uma duplicação, do seu amigo “Finn bom”, que frequenta a escola da Joana e o ensina a contar até 1000.

No meio dos enredos surge também o Tunner, um amigo que, curiosamente, não é dotado de poderes de invisibilidade, porque tem que se esconder... e que parece ter sido criado apenas para “devolver” (silenciosamente) o Lucas e o(s) Finn(es) ao(s) mundo(s) particular(es) do Davide...

A **Inês** é uma menina tímida, introvertida e insegura com quatro anos que, sendo filha única, cresceu rodeada de adultos entre a casa dos pais e a casa da avó. A avó que cuidou dela desde pequena e sempre foi crítica em relação às suas atitudes.

Demonstra vontade de ter irmãos, embora a mãe refira que, de momento, não lhe pode satisfazer o desejo, por motivos económicos e profissionais.

Quando está na casa da avó brinca com um grupo de meninas, alguns anos mais velhas, aos médicos e às famílias...

No Jardim de Infância é uma criança que demonstra alguma dependência da amiga Beatriz, para interagir e se inserir em grupos de brincar; por isso, o seu leque relacional é restrito e não é muito solicitada para brincar. Também não é uma criança que demonstre ou partilhe muitas experiências com os seus pares.

As suas actividades preferidas desenvolvem-se entre a casinha das bonecas, os

Mg – Quem é que te está a atirar bombas Rafael?

Davide – É o Finn mau.

(O Rafael acena com a cabeça afirmativamente)

Davide – Anda esconde-te aqui atrás, que a bomba não bate aqui. *(explica para o Rafael, enquanto se escondem novamente atrás do sofá)*

Mg – Porque é que o Finn vos quer atingir?

Davide – Pa... pa... pa... fazer o mal... ele é mau.

Rafael – Ele quer-nos matar com a pistola.

Davide – Não, ele tem bombas. Porque bombas explodem e matam.

(A Sara junta-se a eles novamente)

Davide – Buuummm, é o Finn.

Sara – São as bombas, pauuuu, eu já tirei a cabeça. Agora deitem-se antes que o Finn vos veja.

Davide – Buuummm.

Davide – Eu tenho bombas... está a fugir.

Finn, tu não vais mais conseguir.

(diz saindo detrás do sofá aos saltos)

Já fugiu...

(salta com os colegas em festejo)

Davide – O Finn não conseguia acertar, porque ele acertava sempre aqui.

(diz aproximando-se e apontando para um outro sofá... Decidem entre os três brincar aos super heróis. A Sara pergunta quem quer ser o Homem Aranha, e a Carolina diz, apontando, que é o Davide.) (26 Março de 2006)

¹⁹ “Davide – O Lucas... Está a destruir o parque lá fora. Está invisível.

Pum... Pum Vês?

Finn, pára de destruir.

(Põem a mão a tapar a boca e diz)- OK

- Não fui eu que falei, sabes... só... só... só... que o Finn... Todos têm a voz de mim...”(19 Abril de 2006)



disfarces, a mercearia e os desenhos... cantinhos e actividades nos quais exhibe os seus “irmãos”.

Foi no “desenho da família” que surgiu, pela primeira vez, uma irmã, mais pequena que ela e que usa brincos, tal como ela gostaria de usar, que brinca com o pai, tal como ela gostaria de fazer, e ajuda a mãe nas tarefas domésticas. A irmã de quem conta “flashes” de episódios de vida que são suspensos pela consciência da dificuldade da sua veracidade, e adequação para o (suposto) nível etário; e cuja vida resume, em jeito de pedido e despedida, na “Carta ao Pai Natal²⁰”.

Mais tarde a Inês apresenta dois irmãos²¹, um que mora na casa dos pais e outro na casa da avó. Irmãos com quem conversa e brinca, que a protegem, defendem, valorizam e desinibem... que são o seu apoio e segurança, e que a dotam de experiências que recria quando brinca nas actividades livres, na casinha das bonecas... momentos em que faz acreditar os colegas que tem realmente dois irmãos.

“(...) Eu Brinco com Ela... E Ela Faz Tudo o que Eu Quero (...)”... Personagens que se (Re)Criam...

Depois de visitarmos autores e enredos individualmente torna-se pertinente responder aos objectivos que guiaram o nosso estudo.

Perceber quando, como e porque são “mobilizados” pelas crianças os amigos imaginários:

Os amigos imaginários... moram no reino da fantasia... são companheiros de todas as horas, o conforto nos momentos difíceis... compinchas para as tropelias, heróis capazes de tudo... são a vida para além do real, a projecção do sonho, os

²⁰ “Sabes fui falar com a minha irmã na esquina!
Ela chama-se Joana.
Não tem brincos porque o nosso pai não deixa.
Ela é pequenina, chega pelo joelho.
Tem o cabelo como eu, assim pequenino!
Perguntei-lhe se estava boa e se se tinha portado bem.
Eu e a minha mana estávamos a falar no café.” (carta ao Pai Natal - 2005)

²¹ “Inês - Eu tenho irmãos.
Carla - E quantos irmãos tens?
Inês - Tenho 2.
Carla - Como se chamam eles?
Inês - Um chama-se João e o outro chama-se Ricardo.
O Ricardo tem 3 anos, o João tem 4. (...)
Carla - E eles moram contigo lá em casa?
Inês - Não, um mora em casa da minha avó, o Ricardo. O João mora comigo lá em casa.
Carla - Ele tem um quarto só para ele?
Inês - Não, eu durmo com ele! (...)

 (Março de 2006)



confidentes da angústia e do medo...

Chegam à hora marcada e partem no tempo oportuno. Inconfundíveis com os amigos reais, insubstituíveis pelo aqui e agora, são a magia e o poder ao dispor de quem os cria e recria... têm nome, gostos, vida, personalidade,... feitos por “*peso e medida*” enchem a vida de novos sentidos, experiências e emoções.

Estas criações são, para além da expressão da vontade e do desejo, a manifestação da percepção das barreiras da realidade e das possibilidades do mundo da fantasia... possibilidades que se importam para exercer adequadamente funções específicas no quotidiano dos seus criadores.

Para o Rodrigo apresentam-se como a possibilidade de combater o medo e a insegurança, quer seja à noite, nos seus pesadelos, ou durante o dia, quando brinca com o seu grupo de pares mais restrito, esboçando e ensaiando estratégias de combate (para a noite).

Para o Tomás são a companhia dos vazios e silêncios quotidianos; são o refúgio e o conforto para as desilusões da realidade; são amigos que lhe permitem experienciar outras realidades e obter satisfação nas interações, porque não o vão contrariar; amigos que são importados da indústria cultural e que exibem as características de personalidade que o Tomás sabe serem apreciadas pelos adultos e crianças que o rodeiam... características que ele não evidencia.

Para o Davide são também a companhia dos momentos de “solidão”; um (o Lucas) representa a “traquinice e violência” que ele não tem, mas de que afirma gostar; o outro (Finn) é uma arma que exhibe para se tornar sedutor e líder, duas características que também não evidencia quotidianamente.

Para a Inês são a expressão do desejo de ter um irmão e, em simultâneo, uma estratégia que lhe permite estar mais segura nas interações do Jardim de Infância, porque se mostra (exibe) querida e preferida... e porque tem histórias para partilhar.

Expressão dos mundos particulares das crianças estes jogos, de construção individual e solitária, são também partilhados... e a pares e/ou adultos é atribuído o papel de participante na interação ou de simples espectador; uma partilha que não é desprovida de intenções e permite exhibir capacidades e realidades distintas daquelas que as crianças possuem no seu dia a dia...

O **Tomás** que não “abre as portas” de interação dos seus amigos imaginários a terceiros, partilha as vivências e experiências com o Noddy através de uma



despudorada expressão corporal, quando o podemos observar a gesticular e falar “aparentemente sozinho”, e através dos registos gráficos, nos quais representa as viagens que faz(em) pela cidade dos brinquedos.

Também o **Rodrigo** dá a conhecer os seus amigos super-heróis através das narrações que faz das suas noites de pesadelos. No entanto, ainda o podemos observar a esboçar armas e estratégias no cantinho das construções, com o seu grupo mais próximo de amigos, para combater quem quer que lhe assombre o sono.

Já para o **Davide** e para a **Inês**, para além de se manifestarem, em jeito de apresentação, nos registos gráficos e de serem alvo de histórias que partilham oralmente com adultos e crianças, amigos e irmãos imaginários são também convocados para a interacção em diferentes momentos do quotidiano: o **Davide**, ainda que assumindo explicitamente a invisibilidade do “Finn mau”, mobiliza-o como seu adversário, numa luta em que empreende charme e esforços para ser parceiro (de brincadeira) e líder dos colegas que o observam; a **Inês** recorre à casinha das bonecas, da sala de actividades, para construir e vivenciar a sua família de afecto e desejo, mobilizando com frequência a presença dos irmãos.

Devemos aqui fazer referência ao facto de terem sido os desenhos, nomeadamente aquando da representação da família, os recursos de apresentação da(os) irmã(os) da **Inês** e do amigo Lucas do **Davide**... a apresentação/representação de um desejo e a expressão de numa concepção de família que quebra as barreiras da sanguinidade e se torna expressão clara da importância dos laços afectivos, e da proximidade e importância que estes amigos têm para as crianças.

Já para o **Tomás**, mais do que uma forma de apresentação e registo do(s) amigo(s)/família, os desenhos são tomados como representação das viagens virtuais pela cidade dos brinquedos, e que surgem, no quotidiano, como fotografias que lhe permitem (re)visitar experiências, nas quais ele se transformou também em protagonista.

Nesta sequência, podemos já responder a outro objectivo deste estudo – **Perceber em que medida a mobilização dos amigos imaginários pode ou não condicionar as interacções sociais com as outras crianças:**

Para o **Tomás** a companhia do amigo (virtual) *Noddy* apresenta-se como um refúgio para as contrariedades do dia a dia; uma fuga para a “Cidade dos Brinquedos”



na qual bloqueia a entrada e a interacção a outras crianças e adultos. No entanto, o Tomás partilha os desenhos/registos/fotografias dessas viagens com os adultos... mas em momentos e compassos ditados (unicamente) pela sua vontade, acção e discurso.

Em contrapartida, o **Davide**, o **Rodrigo** e a **Inês** partilham os seus amigos imaginários com os seus pares: o **Rodrigo** integrando-os discretamente nas construções e destruições de “guerra” que faz nas actividades livres; o **Davide** e a **Inês** ostentando-os como forma de angariar prestígio, atenção, colaboração e a liderança dos seus pares, nas vivências que querem experienciar.

De destacar é o controlo que as crianças exercem sobre as suas criações e a partilha que delas fazem, uma vez que as produzem e reproduzem quando e enquanto querem, dando-lhe o rumo dos seus desejos, sem avisos prévios nem justificações preliminares... por isso, os seus discursos são envoltos em interjeições²², que parecem pausas para reflectir e decidir o rumo a dar, naquele momento, às histórias e às vidas dos amigos imaginários... são discursos embrulhados num tempo cuja linearidade está à mercê dos seus criadores e que não pode ser analisado tomando por referência as convenções do mundo real... são discursos povoados reticências, de cortes abruptos com mudanças de espaço e/ou de actividades, com mudanças de assunto e chamadas de atenção para o quotidiano e para a realidade²³...

Um controle das criança/criador que, reflexo do seu domínio, lhe permite incluir e excluir quem quiser no seu brincar, controlando também os pares com quem brinca, pelo conhecimento que lhes proporciona do enredo já construído.

Outro objectivo desta investigação foi - **Procurar cruzamentos entre as “vidas dos amigos imaginários” e as vidas das crianças:**

Estas expressões/criações são o testemunho do imaginário e da cultura das crianças... são a manifestação da sua interpretação e sentido das descobertas que dia a dia vão fazendo de forma singular e única, num processo de apropriação, reinvenção e reprodução do mundo que as rodeias... exorcizando medos e projectando desejos...

Constituindo-se como reflexo do processo de construção da realidade e da autoconsciência da criança, permitem-lhe exercitar comportamentos, adquirir atitudes

²² “ Tava... humm... fui à igreja... o meu pai tinha um escadote e depois foi a subir lá e tocar o sino...” (Inês, Dezembro de 2005)

²³ “ – Vira a página.” (Tomás, 21 de Abril de 2006)

“– Ei... tenho uma ataca desapertada...” (Rodrigo, 21 de Abril)



e conhecimentos através da experiência durante o brincar, como refere Manuela Ferreira (2004a e b), num espaço (mundo) que criam e no qual desenvolvem e exercitam a linguagem e a comunicação (oral, corporal, gráfica, ...), constroem e quebram regras, defendem o ego... se investem de características diferentes e experimentam a segurança, a liderança, a sedução... através da criação de “duplos de si próprios” (cf. Gallino, 1998) que se tornam parceiros metacognitivos e parceiros de diálogo a quem dotam de vida, personalidade e até voz, como afirma o **Davide**: “- Não fui eu que falei, sabes... só... só... só... que o Finn... Todos têm a voz de mim...” (19 Abril de 2006)... uma afirmação que exprime, para além do emprestar da voz, a construção dos discursos e dos enredos... o partilhar/transferir das suas experiências, da sua vida, dos seus saberes, desejos e emoções. Desejos que podem satisfazer vivendo as vidas das suas criações... como a **Inês** que projecta na irmã Joana a vontade de ter brincos, e o desejo de partilhar mais tempo e actividades com o pai.

Personagens que vestem e despem continuamente, no decurso das mobilizações, porque se relacionam com elas mesmas... que continuamente desafiam os limites da realidade, quando a criança comanda e em simultâneo é comandada, pela vontade e pelo desejo, através de um outro, que lhe faz as vontades ou a afronta... na exacta medida que “precisa”... que a satisfaz... que lhe permite navegar entre a fantasia e a realidade, explorando todas as suas contradições e possibilidades, para aprender a reajustar acções e emoções (cf. Harris, 1996, 2002).

Construindo mundos que experimentam em brincadeiras solitárias, e que, tal como afirma Brougère (2004), permitem que o seu reino de fantasia seja sempre possível, sem barreiras, sem preliminares ou explicitações prévias, sem negociar papéis, espaços, regras. Que permitem que a criança tenha um controlo e comando absoluto da acção, em textos nos quais assumem múltiplos papéis – autores, actores, realizadores... à semelhança do que afirmam Taylor e Calson (2004) quando comparam a relação que as crianças têm com os seus amigos imaginários à relação que os escritores de ficção mantêm com as suas personagens.

Personagens e mundos que nascem em acontecimentos-instantes com rupturas, enquanto a criança brinca, armazenando e colecionando experiências e aprendizagens, que lhe permitem compreender melhor a perspectiva do outro e as emoções, porque, e de acordo com o que explicita Harris (1996, 2000), utilizam os estados emocionais de outros para moderar a sua própria actividade exploratória... realizando juízos morais, que lhe permitem aprender a ajustar e adequar acções e



reações... Como no caso da **Inês** que depois de apresentar uma irmã mais nova a silenciou, para apresentar dois irmãos mais velhos que lhe proporcionavam mais experiências e oportunidades de brincar. Irmãos com quem “interage nos seus contextos familiares” e que, no Jardim de Infância, lhe permitem vencer a timidez e ter assunto para conversar com os colegas, expondo-se e sentindo-se apoiada, preferida, querida... com os desejos realizados e satisfeitos...

E, se por vezes há a presença de um sentido prévio no brincar, denunciado pela presença de elementos da cultura dos média, como são o *Noddy*, as Tartarugas Ninja, as cartas dos Digimons, o Homem-Aranha, as Bruxas..., que orientam os significados e as ações das crianças, a verdade é que não as determinam completamente, porque se as crianças lhes reconhecem as características que a indústria cultural para a infância veicula importando-as, transformam os seus quotidianos (cf. Brougère, 2004).

Como o **Davide** faz com o Finn, que parece decalcado do Homem Aranha, ou da projecção que o **Tomás** faz para o mundo, de encantamento, do *Noddy*, e para as suas aventuras na “Cidade dos Brinquedos”... neste sentido, os brinquedos ou os temas originários da televisão ou dos livros, servem de inspiração para as suas criações, para preencher as suas necessidades, vazios e sonhos; por isso, podemos afirmar, tal como defendem Brougère (1998, 2004) e Sarmiento (2003, 2004), que, apesar da colonização do imaginário, feita pela indústria cultural para a infância, a criança resiste pela interpretação pessoal, criativa e crítica no brincar, apropriando-se do mundo que a rodeia, ajustando, adequando e ultrapassando valores, regras e até constrangimentos...

Como no caso do **Rodrigo** em que as “Tartarugas Ninja” combatem “maus mascarados” que surgem nos seus sonhos; e no do **Davide** em que lhe permitem mostrar e experimentar a sua competência de líder e sedutor nato... angariando elementos para um grupo de brincar, e prestígio e mestria para o comandar...

Embora conscientes de que acedemos a mundos culturais/simbólicos particulares, feitas por produtores culturais únicos, que não representam, de forma alguma, a plenitude da criação/manifestação dos Amigos Imaginários pelas crianças, a resposta aos objectivos da presente investigação permite-nos/conduz-nos a lançar tipologias (ainda que embrionárias) de Amigos Imaginários, tomando por referência a sua génese e a sua função.

Desta forma, e se nos reportarmos à sua **génese** encontramos:



- Amigos Imaginários que nascem do (re)conhecimento/objectivação que a criança vai fazendo da realidade, de si própria e do(s) outro(s), enquanto seres individuais, com características, interesses, personalidade... peculiares e que, por isso, se apresentam como “**crianças semelhantes**” (como o amigo Lucas do Davide) ou irmãos (como a Joana, o João e o Ricardo para a Inês)... amigos e irmãos que partilham contextos, actividades e anseios com os seus amigos/irmãos/criadores;

- Amigos Imaginários que nascem de **personagens mediáticas** da indústria cultural para a infância e que, expressão do reconhecimento das potencialidades do mundo da fantasia e da virtualidade, permitem explorar mundos (im)possíveis e satisfazer desejos, vontades e necessidades que a realidade apresenta como obstáculos e/ou desafios... o *Noddy* que se torna companheiro desejado/alcançado para o Tomás... as “Tartarugas Ninja” e as cartas dos “Digimons” que são convocados para (ajudar a) “defender” o Rodrigo... o Finn que investe o Davide de poderes de liderança e sedução.

Se nos detivemos na análise da **função** que estas criações têm para as crianças encontramos:

- Amigos Imaginários que são a **expressão dos laços de frateria**... que, mais do que a união dos laços de sangue, são a possibilidade de partilha dos processos de socialização e dos quotidianos, dos espaços e das experiências das crianças... como o João e o Ricardo que, para a Inês, são a manifestação do desejo de afecto preferencial e incondicional... e a Joana que se apresenta como a possibilidade de (re)escrever algumas experiências (desejadas) no “ambiente” familiar;

- Amigos Imaginários que se apresentam como **coadjuvantes e companheiros** de experiências, projectos e aventuras... que permitem à criança solucionar problemas do seu quotidiano... como as “Tartarugas Ninja” e “Digimons” que ajudam o Rodrigo a combater os seus medos de “maus” e “mascarados”... o Finn que se apresenta como aliado precioso para o Davide angariar prestígio junto dos pares, convocando-os e envolvendo-os em actividades, que deseja, comuns;

- Amigos Imaginários que se são a expressão do **Altereço** da criança... outros “eus” que lhe permitem (re)experienciar e (re)viver e (re)inventar-se... que são parceiros metacognitivos que permitem que a criança experimente e explore todas as contradições e possibilidades que a realidade apresenta... como o Lucas que é traquinas e evidencia a “violência” que o Davide afirma gostar, mas não manifesta quotidianamente, e que se apresenta como a autojustificação e projecção do desejo



de aventura, desafio, liderança, acção (violência) que “reprime”... ou o Noddy que, possuidor das características de “personalidade” que os adultos significativos para o Tomás apreciam, e que ele mesmo reconhece, representa e se apresenta como a “companhia perfeita”, para os seus desejos de uma interacção pacífica e colaborativa, porque jamais o quererá desapontar...

“(...) Ele Vai de Carro e de Avião... Para Minha Casa... Ele Dá-me Boleia de Avião” – (Re)Conhecer...

As reflexões em torno destas manifestações das culturas das crianças levam-nos a reconhecer a importância da valorização das verbalizações e práticas das crianças, o que implica reconhecer as plenas e poéticas capacidades de expressão das crianças, sem preconceitos nem censuras, considerando os eixos estruturadores em torno dos quais as crianças manifestam as suas culturas; e empenharmo-nos na sua valorização e contemplação.

Implica também repensar os tempos de brincar, e aceitar que as crianças são activas nas suas aprendizagens e nas aprendizagens dos seus pares; que são criativas e capazes de arranjar estratégias para superar as barreiras e resolver problemas que o dia a dia lhes apresenta, para resistir aos constrangimentos dos seus mundos sociais; que expressam os seus desejos, medos, angústias e desejos e que, durante o brincar, projectam as suas necessidades e aprendem a moderar as suas emoções.

Que as crianças são capazes de se (re)construir e (re)inventar a realidade, de acordo com as suas vontades e necessidades... eliminando os constrangimentos reais com as possibilidades que a fantasia lhes apresenta.

Porque a(s) criança(s)...

Cresce(m) e (des)Aparece(m)... nos Enredos da (re)Construção dos Amigos Imaginários na Infância...

Cresce nas suas vivências, nas suas experiências, na consciência e percepção do mundo e de si mesma, no controle das suas emoções, na sua amizade... aparece a renovação e reconhecimento de si, dos afectos e do mundo... desaparecem as barreiras da realidade, as angústias, a solidão, o medo, as angústias, as fragilidades...

Um reconhecimento e uma procura que deve ser feita tendo por base os enredos da acção e o discurso das crianças, para perceber a (re)construção que as



crianças fazem de si e dos seus mundos; uma (re)construção feita pelo olhar da sociologia da infância, através da visão e expressão da alteridade da criança actor e produtor cultural único.

Referências Bibliográficas

- Adler, P. e Adler, P. (1998). *Peer power. Preadolescent culture and identity*. London: Rutgers University Press.
- Ariès, P. (1986). La infância. *Revista de Educación*, 281, 5-17.
- Bourdieu, P. (2001). *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL.
- Bourdieu, P. (2002). *Esboço de uma teoria da prática*. Oeiras: Celta Editores.
- Brazelton, T. e Sparrow, J. (2003). *3 a 6 anos – Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Artmed.
- Brougère, G. (1998). A criança e a cultura lúdica. In T. Kishimoto (org.), *O Brincar e as suas teorias* (pp. 18-32). São Paulo: Pioneira.
- Brougère, G. (2004). *Brinquedos e companhia*. São Paulo: Cortez Editora.
- Corsaro, W. (2002). A reprodução interpretativa do brincar ao “faz-de-conta” das crianças. *Educação, Sociedade & Culturas*, 17, 113-134.
- Corsaro, W. (2005). Entrada no campo, aceitação, e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educação & Sociedade*, 29(91), 443-464.
- Christensen, P. e James, A. (2005). *Investigação com crianças perspectivas e práticas*. Porto: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.
- Damásio, A. (2004). *O sentimento de si. O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Delgado, A. C. e Muller, F. (2005). Sociologia da infância: pesquisa com crianças. *Educação & Sociedade*, 29(91), 351-360.
- Ferreira, M. (2004a). “A gente o que gosta é de brincar com os outros meninos!” *Relações sociais entre crianças num Jardim de Infância*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ferreira, M. (2004b). Do “avesso” do brincar ou... as relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da(s) ordem(s) social(ais) instituinte(s) das crianças no Jardim de Infância. In M. J. Sarmento e A. B. Cerisara (Org.), *Crianças e miúdos – perspectivas sociopedagógicas da infância e educação* (pp. 55–104). Porto: Edições ASA.
- Gallino, T. G. (1998). *O mundo imaginário das crianças – No princípio era o ursinho*.



Porto: Civilização Editora.

- Graue, M. E. e Walsh, D. (2003). *Investigação etnográfica com crianças – teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Harris, P. L. (1996). *Criança e emoção – O desenvolvimento da compreensão psicológica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Harris, P. (2002). Penser à ce qui aurait pu arriver si... *Enfance*, 3, 223-239.
- Jenks, C. (2002). Construindo a criança. *Educação, Sociedade & Culturas*, 17, 185-216.
- Ladd, G. W. e Coleman, C. C. (2002). As relações entre pares na infância: formas, características e funções. In B. Spodeck (org.). *Manual de investigação em Educação de Infância* (pp. 119-166). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,.
- Manning, P. K. e Cullum-Swan, B. (1994). Narrative, content, and semiotic analysis. In N. K. Denzin e Y. S. Lincoln (Ed.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 463-477). London: SAGE Publications.
- Mayall, B. (2005). Conversas com crianças – Trabalhando com problemas geracionais. In P. Christensen e A. James, *Investigação com crianças: Perspectivas e práticas* (pp. 123-142). Porto: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.
- Mollo-Bouvier, S. (2005). Transformações dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. *Educação & Sociedade*, 29(91), 391-403.
- Montandon, C. (1996). Processus de socialisation et vécu émotionnel des enfants. *Revue Française de Sociologie*, Avril-Juine 96, XXXVII-2, 263-282.
- Montandon, C. (2001). Sociologia da infância: Balanço dos trabalhos em língua Inglesa. *Cadernos de Pesquisa*, 112, 33-60.
- Monteiro, A. R. (2002). *A revolução dos direitos da criança*. V. N. Famalicão: Campo das Letras.
- Oliveira, A. M. R. (2002). Entender o outro (...) Exige mais, quando o outro é uma criança. Reflexões em torno da alteridade da infância no contexto da Educação Infantil. In M. J. Sarmiento e A. B. Cerisara (Org.), *Crianças e miúdos – perspectivas sociopedagógicas da infância e educação* (pp. 181-204). Porto: Edições ASA.
- Peretz, H. (2000). *Métodos em sociologia*. Lisboa: Temas e Debates.
- Pinto, M. (1997). A Infância como construção social. In M. Pinto e M. J. Sarmiento (Org.). *As crianças contextos e identidades* (pp. 33-73). Braga: CESC – Universidade do Minho.
- Plaisance, E. (2004). *Para uma sociologia da pequena infância*. (texto policopiado).



- Qvortrup, J. (2005). Macro-análise da infância. In P. Christensen e A. James (Org.) *Investigação com crianças: Perspectivas e práticas* (pp. 73-96). Porto: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.
- Ramsey, P. (1991). *Making friends in school. Promoting relationships in early childhood*. New York: Theacher College Press.
- Roberts, H. (2005). Ouvindo as crianças: e escutando-as. In P. Christensen e A. James (Org.), *Investigação com crianças: Perspectivas e práticas* (pp. 243-260). Porto: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.
- Rubin, Z. (1998). *Amistades infantiles*. Madrid: Ediciones Morata.
- Saramago, S. (2001). Metodologias de pesquisa empírica com crianças. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 35, 9-29.
- Sarmiento, M. J. (2000b). Sociologia da infância: Correntes, problemática e controvérsias. *Sociedade e Cultura. Cadernos do Noroeste. Série Sociologia*. Vol 13 (2), 145-164.
- Sarmiento, M. J. (2003). Imaginário e culturas da infância. In A. F. Araújo e J. M. Araújo (org.). *História, educação e imaginário*. Actas do VI Colóquio de História, Educação e Imaginário (pp. 55-72). Braga: Universidade do Minho – Centro de Investigação em Educação.
- Sarmiento, M. J. (2004). As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In M. J. Sarmiento e A. B. Cerisara (Org). *Crianças e miúdos. Perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação* (pp. 9-34). Porto: ASA.
- Sarmiento, M. J. (2005). Gerações e alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação & Sociedade*, 29(91).
- Sarmiento, M. J. (2006). *Sociologia da infância: Correntes e confluências* – (Texto Policopiado).
- Sarmiento, M. J. (2007). *Conhecer a infância: Os desenhos das crianças como produções simbólicas*. Lição de Síntese para Provas de Agregação. Braga: Universidade do Minho.
- Scott, J. (2005). Crianças enquanto Inquiridas – O desafio dos métodos quantitativos. In P. Christensen e A. James (Org.), *Investigação com crianças: Perspectivas e práticas* (pp. 97-122). Porto: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.
- Sirota, R. (2001). Emergência de uma sociologia da infância: Evolução do objecto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*, 112, 7-31.
- Soares, N. (1997). Direitos da criança: utopia ou realidade?. In M. Pinto e M. J. Sarmiento (Org.), *As crianças, contextos e identidades* (pp. 75-112). Braga:



CESEC – Universidade do Minho.

Soares, N. (2002). *Os direitos das crianças nas encruzilhadas da protecção e da participação*. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho. (disponível em: www.iec.uminho.pt/cedic)

Taylor, M. e Carlson, S. (2004). The characteristics and correlates of fantasy in school-age children: Imaginary companions, impersonation, and social understanding. *Developmental Psychology*, 40(6), 1173-1187.

Vygotsky, L. S. (1987). *La imaginación e el arte en la infancia*. México: Hispánicas.

Walsh, D., Tobin, J. e Graue, M. (2002). A voz interpretativa: investigação qualitativa em educação de infância. In B. Spodeck (Org.), *Manual de investigação em Educação de Infância* (pp. 1037-1066). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora Lda.